

# RESENHA

## Medo e memória: um relato da história militar na república

Cláudio Beserra de Vasconcelos<sup>1</sup>  
Rachel Motta Cardoso<sup>2</sup>

Shawn C. Smallman. *Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889–1954*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002, 265 páginas.

Shawn C. Smallman é professor do Programa de Estudos Internacionais da Universidade Estadual de Portland, no Oregon, EUA. Tendo concluído o PhD em História pela Universidade de Yale no ano de 1995, tem dedicado parte significativa do seu trabalho à análise da história da América Latina, escrevendo, inclusive, um livro sobre a trajetória da AIDS no subcontinente.<sup>3</sup> Em particular, estuda a história do Brasil, com ênfase em temáticas que envolvam os militares brasileiros. Já escreveu diversos artigos sobre tema, e *Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889–1954*,<sup>4</sup> seu primeiro livro a ser publicado, corresponde a sua tese de doutoramento em História.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em História pelo mesmo programa e membro do Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política (LEMP/UFRJ). [cb.vasconcelos@yahoo.com.br](mailto:cb.vasconcelos@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em História das Ciências e da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política (LEMP/UFRJ). [rachel.cardoso@gmail.com](mailto:rachel.cardoso@gmail.com)

<sup>3</sup> SMALLMAN, Shawn C. *The AIDS pandemic in Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

<sup>4</sup> Para outras opiniões sobre este livro, ver: DAVIS, Sonny B. “Shawn C. Smallman, Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *ILAS enlace*, n. ° 3, May 2003; DIACON, Todd A. “Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *Hispanic American Historical Review*, vol. 83, n. ° 3, august 2003, pp. 593-594; FERRAZ, Francisco. C. A. “Shawn C. Smallman, Fear & Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *Lusobrazilian Review*, Vol. 40, Part 2, 2003, p. 134-135; IZECKSOHN, Vitor. “Shawn C. Smallman. Fear & Memory in the Brazilian Army & Society”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25 n.º 50 julho/dezembro de 2005, pp. 331-334; KIRKENDALL, Andrew J. “Shawn C. Smallman, Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *The American Historical Review*, vol. 108, n.º 5, dec. 2003, p. 1499; KITTLESON, Roger A. “Shawn C. Smallman, Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *The Journal of Military History*, vol. 68, n. 1, January 2004, pp. 271-273; KRAAY, Hendrik. “Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *The Americas*, vol. 59, n. ° 4, April 2003, pp. 600-601; PEREIRA, Anthony W. “Shawn C. Smallman, Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889-1954”. *Left History*, Vol. 9, n. ° 1, Fall/Winter 2003-04.

Smallman é herdeiro de uma geração de autores estrangeiros que se dedicaram ao estudo da história da América Latina e, em particular, à do Brasil, como John J. Johnson, Thomas E. Skidmore e Alfred C. Stepan. Seguindo essa tradição, e a exemplo do que Skidmore fez com relação ao Brasil do pós-1930,<sup>5</sup> *Fear and Memory* é um esforço de elaboração de uma síntese sobre a história do envolvimento militar na política brasileira, da proclamação da república até o ano de 1954. Para tanto, dialoga com esses autores e com outros analistas da temática, entre os quais se destacam José Murilo de Carvalho, Nelson Werneck Sodré, João Quartim de Moraes, Alain Rouquié, Edmundo Campos Coelho, Frank McCann e Frederick Nunn.

Privilegiando como foco a observação das estruturas informais (“regras não escritas, organizações e crenças que moldam o poder sem sanção oficial ou recursos governamentais”<sup>6</sup>) que formataram tal envolvimento e os conflitos internos, *Fear and Memory* apresenta como hipótese central a afirmação de que a história da inserção dos militares brasileiros na política está marcada por dois elementos: medo e memória. O medo é apresentado de duas formas diferentes: a primeira, existente nos primeiros anos da república, seria resultado da forte repressão aos grupos internos; a segunda, presente no pós-1930, seria o medo de desintegração das Forças Armadas e do Estado. É sobre essa questão que Smallman faz uma ligação com o segundo elemento: a memória. De acordo com a análise apresentada, o medo dessa suposta possibilidade de desintegração foi exagerado e manipulado em prol de fins próprios (justificar a tomada do poder, o que de fato ocorreu em 1937; triunfar definitivamente sobre as elites tradicionais; eliminar a oposição interna e externa; reprimir comunistas, anarquistas, líderes sindicais, militares etc.; e fechar a instituição à sociedade política). Foi moldada uma memória oficial que, focada em eventos aceitáveis, falsificou a história de modo a fazer prevalecer uma visão de unidade institucional ao mesmo tempo em que “apagava” a existência de conflitos internos e de repressão. Esse processo teria possibilitado, por exemplo, a construção do mito da revolução comunista que, através da manipulação da ameaça e da ocultação da origem militar do evento, permitiu que fosse criada uma cultura do medo e que favoreceu o golpe do Estado Novo. Técnica semelhante esteve

---

<sup>5</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*. 5ª ed. Trad.: Ismênia Tunes Dantas (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; e \_\_\_\_\_. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 7ª ed. Trad.: Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

<sup>6</sup> SMALLMAN, Shawn C. *Fear and Memory in the Brazilian Army and Society, 1889–1954*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002, p. 5.

fortemente presente na década de 1950, quando a hierarquia militar novamente exagerou o perigo da infiltração comunista.

Smallman procura fechar sua análise afirmando que em 1954 □ ano da crise político-militar que resultou no suicídio do presidente Getúlio Vargas □ se deu um momento decisivo quanto ao envolvimento dos militares brasileiros na política. Para o autor, isto ocorreu porque naquele período já estaria construído o alicerce das estruturas informais que formataram o caráter do papel autoritário dos militares e que, em última instância, seriam responsáveis pela ação desencadeada em 1964. A partir daquele ano, a corrente militar intitulada Cruzada Democrática teria conseguido transformar sua ideologia em doutrina oficial e, em 1964, teria chegado ao seu triunfo definitivo.

Apesar das intenções apresentadas pelo autor, *Fear and Memory* é, de fato, um grande relato da história militar do Brasil durante a república, e, na prática, ultrapassa em muito o corte cronológico estabelecido. Smallman justifica tal abrangência temporal afirmando que o estudo do envolvimento dos militares brasileiros na política só é possível através da análise da experiência histórica dos militares em um contexto mais amplo. Partindo dessa premissa, procura comprovar que o terror usado pela hierarquia militar como prática de repressão durante o período republicano não era uma novidade dessa nova fase da política brasileira. Com esse objetivo, a análise recua às revoltas anticoloniais e, embora fixe como marco final o ano de 1954, praticamente não se detém sobre questões que ocorreram naquele ano. De fato, Smallman passa toda uma longa parte analisando o processo eleitoral para a diretoria do Clube Militar no ano de 1952 e, ao fim do capítulo (o sétimo), conclui sobre a importância da crise de 1954. Um leitor menos atento pode relacionar toda a crise analisada à crise final do governo Vargas, quando, naquele momento, Smallman está relatando fatos ocorridos dois anos antes.

Em última instância, embora não esteja explícito no título da obra, o que o autor pretende é buscar as razões da intervenção militar ocorrida em 1964<sup>7</sup>. Sem um detalhamento maior, como fizera nos capítulos anteriores, é isto o que tenta fazer no último. Só que, neste caso, a análise é bem superficial. Mas Smallman também não se contenta em chegar ao ano de 1964, e, na conclusão, para demonstrar que os militares nos dias de hoje ainda têm um importante envolvimento na política, avança até a década de 1990 e se apóia na atividade e em discursos do militar, e então deputado federal, Jair

---

<sup>7</sup> Ver, do autor, “The professionalization of military terror in Brazil, 1945-1964”. *Luso-Brazilian Review*, v. 37, n. 1, p. 117-128, 2000, também publicado como “A profissionalização da violência extralegal das Forças Armadas no Brasil (1945-1964)”. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (org.). *Nova história militar brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Bom Texto, 2004, pp. 389-408.

Bolsonaro, como evidências. O problema é que Smallman não reflete sobre a real importância desse deputado-militar no quadro político nacional.

Embora seja louvável o esforço de buscar a explicação histórica na longa duração, se não houver uma combinação de uma abordagem mais geral (linha de continuidade) com aspectos específicos, com os elementos de médios e curtos prazos, pouco se explica. Ao fazer o recuo temporal à proclamação da república para explicar o golpe de 1964, como salientou Vitor Izecksohn,<sup>8</sup> Smallman acaba recaindo na “questão militar”. Além disso, ao dar como constituídos, no ano de 1954, os alicerces das estruturas informais que serviriam para deflagrar a ação militar, ignora uma série de fatores de extrema importância e que ocorreram justamente nos dez anos que precederam o golpe.

Das questões que dão título ao livro, medo e memória pouco aparecem após o capítulo três. A questão da memória, na verdade mais viva apenas nos dois primeiros capítulos, só volta a ganhar algum destaque no capítulo sete. Ainda assim, sem retornar ao papel de protagonista na análise. O centro do estudo se desloca para as disputas internas no setor militar e a conseqüente repressão.

No que se refere a tais conflitos, segundo o autor, as divisões entre os militares se deram sobre dois eixos: o primeiro, ainda na década de 1930 e o segundo, entre fins dos anos 1940 e os anos 1950. Como ponto comum entre essas duas fases, o fato da hierarquia empreender uma forte repressão aos membros das facções opositoras.

Nos anos 1930, as divisões ocorreram em termos pessoais, em torno de líderes, e, após a implantação do Estado Novo, foi criado um sistema interno de espionagem, inteligência, censura e repressão. Naquele momento, a necessidade de desenvolvimento nacionalista para o país era um consenso entre os militares, mas a percepção do inimigo variava entre os grupos (para os engenheiros, o inimigo era o imperialismo econômico; para os integralistas, a influência estrangeira; para os tenentes, os políticos). Por essa razão, a hierarquia militar fez uso desse aparato para punir os seus opositores. Após a Segunda Guerra, as cisões internas passaram a ter contornos ideológicos. O conflito, que à primeira vista girava em torno da questão do petróleo, trazia à cena, de fato, a discussão sobre o tipo de desenvolvimento econômico adequado para o Brasil: se nacionalista ou dependente. Delineou-se, nesse contexto, um quadro de disputa entre os militares nacionalistas e a hierarquia militar. Na década de 1950, com o retorno de

---

<sup>8</sup> IZECKSOHN, Vitor. *Op. cit.*, p. 334.

Getúlio Vargas à Presidência da República, e em face das disputas eleitorais pela direção do Clube Militar, foi intensificado o processo de repressão aos militares nacionalistas.

Apesar de merecer esse destaque na análise, a questão da violência também não é explorada de forma suficiente. Smallman não se questiona a quem a violência serviu. Ou melhor, limita o interesse ao grupo de militares internacionalistas. Os grupos civis, que também estariam interessados na repressão dos ideais e dos partidários do nacionalismo, não são lembrados. Em *Fear and Memory* também não é enfatizado o fato de que a violência muda de acordo com o regime político, que seu papel pode variar. Além disso, a violência pós-1964 não pode ser vista como simples continuação da praticada no período 1945-1964. Há uma série de fatores da conjuntura pós-golpe que têm influência direta sobre a política repressiva do regime. Smallman acaba por deixar a impressão de que o terror foi suficiente para tomar poder, quando, de fato, ele não é capaz disso. Era preciso fazer alianças com civis.

Essa ligação dos militares internacionalistas com grupos civis é muito pouco explorada. Há um aprofundamento maior apenas do período compreendido entre a proclamação da república e a o golpe do Estado Novo. Para Smallman, até 1930, essa relação passou por um período de desconfiança mútua. De um lado, os civis desconfiavam da possibilidade de um exército formado por desempregados e pobres preservar os interesses da elite. Do outro, devido à mudança provocada pela participação na guerra do Paraguai, o exército brasileiro passava a questionar seu papel e a buscar uma autonomia institucional, pois já não queria estar a serviço das elites. Após 1930, os conflitos continuariam, já que os civis tentavam retomar a influência perdida após a vitória do movimento revolucionário, ao mesmo tempo em que os militares procuravam livrar a instituição de influências civis, especialmente sob a liderança do general Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Somente com o Estado Novo ocorreria a vitória final dos militares sobre elites tradicionais. Após esse período, apesar de não deixar de mencionar as aproximações e distanciamentos entre grupos militares e grupos civis, principalmente em torno da questão do tipo de desenvolvimento a ser adotado pelo Brasil, *Fear and Memory* tende a privilegiar os conflitos entre as facções militares.

A partir dessa fase, a análise da relação militares-civis é superficial e, muitas vezes, equivocada. Tende a ver, por exemplo, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) como instrumento da instituição militar, o que corresponde a uma visão muito

limitada da ação e da importância desse ator político. Do modo análogo, a ligação entre militares nacionalistas e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) não é mencionada. Aliás, o ISEB não recebe nenhuma menção em *Fear and Memory*.

De modo geral, as explicações de Smallman ficam praticamente reduzidas à questão institucional. Embora fundamental, ela não é suficiente como elemento explicativo. O predomínio de uma explicação institucional para o fenômeno militar serve de base para negar, por exemplo, a grande influência norte-americana.

Ao contrário do que indica a relação de proximidade estabelecida entre militares da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e os colegas norte-americanos na Itália, Smallman afirma que a FEB seria nacionalista e pró-Vargas e o contato com os EUA só teria se dado no nível alta oficialidade. Segundo o autor, a FEB chegou a sofrer infiltração comunista e foi dissolvida pelos generais Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra justamente para se evitar a sua instrumentalização política por Vargas. A relação que se costuma fazer entre a FEB e a queda de Vargas seria, na visão do autor, resultado de um esforço para criar uma memória oficial e teria se fixado apenas em 1952, no contexto da intensa disputa pela diretoria do Clube Militar, marcada por forte repressão da hierarquia militar aos membros e simpatizantes da chapa nacionalista que, aliás, também foi “apagada” da memória. A importância da FEB nessa questão, para o autor, é usada para calar vozes dissidentes.

Do mesmo modo, para Smallman, a Escola Superior de Guerra (ESG) e o desenvolvimento de uma ideologia de segurança nacional também não têm, ou têm pouca, relação com uma suposta participação dos EUA. Para o autor, ambos foram resultados da batalha ideológica interna. No que se refere à ESG, Smallman sustenta que ela foi parte de uma tendência latino-americana de revisão do sistema educacional militar e que possui raízes no interior do próprio exército. Seria, portanto, resultado e não causa de uma mudança ideológica. Em complemento, afirma que nenhuma escola militar teria a capacidade de influenciar todo um exército em poucos anos. Para Smallman, a ESG contribuiu para mudar algo que já estava tomando lugar no interior da instituição, e, como evidência de que a instituição era diferente da sua congênere norte-americana, recorre a uma declaração do seu fundador, general Osvaldo Cordeiro de Farias: “nós somos filhos da War College. Eu admito com orgulho esta paternidade,

mas não existe nada mais diferente da War College do que a Escola Superior de Guerra”.<sup>9</sup>

Do mesmo modo, o autor nega a difusão da ideologia de segurança nacional pela América Latina como influência dos EUA. Smallman sustenta que ela foi consequência de uma evolução de antigas raízes militares adaptadas ao contexto da Guerra Fria. Na verdade, militares internacionalistas teriam, após Campanha do Petróleo, concluído que, para derrotar os adversários, precisavam formular uma ideologia de segurança nacional. Que, por sinal, é considerada pelo autor mais uma agenda do que um programa, cujo objetivo era defender o exército de uma ameaça de colapso.

Menosprezar a importância e a influência norte-americana na criação da Escola Superior de Guerra e no desenvolvimento da ideologia de segurança nacional é um equívoco. Usar uma declaração do general Cordeiro de Farias, militar intimamente ligado à facção internacionalista e criador da ESG, para negar influência da *National War College* dos EUA na criação da escola brasileira revela o uso acrítico da fonte que, por sinal, ocorre não só nessa análise. De modo geral, Smallman não problematiza o uso das fontes orais, não se questiona quanto ao contexto em que tais relatos foram produzidos ou quanto ao papel e aos interesses de quem os produziu. Isto leva o autor a assumir como verdade inquestionada determinadas opiniões de atores profundamente ligados a uma determinada posição político-ideológica.

Ainda quanto às fontes, outra observação é necessária. Ao contrário do que afirma Izecksohn,<sup>10</sup> a base principal de *Fear and Memory* não são fontes manuscritas inéditas. Smallman também não trabalhou, como fizeram seus antecessores Stepan e Skidmore, com fontes inacessíveis a pesquisadores brasileiros. A análise é, em grande parte, sustentada em fontes secundárias, como obras dos já mencionados José Murilo de Carvalho e Nelson Werneck Sodré. O autor também utilizou periódicos (brasileiros e americanos) e, principalmente, entrevistas e fundos depositados no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Fontes sem dúvida importantes, mas já trabalhadas por outros pesquisadores. De modo acessório, Smallman teve acesso a outras documentações, inclusive do Arquivo Nacional dos Estados Unidos. Estas, talvez ainda não analisadas por brasileiros.

---

<sup>9</sup> SMALLMAN, Shawn C. *Fear and Memory...* Op. cit., p. 114.

<sup>10</sup> IZECKSOHN, Vitor. *Op. cit.*, p. 331.

Apesar das críticas, há que salientar positivamente o destaque que *Fear and Memory* dá à ligação entre a política pós-64 e questões anteriores (repressão, ideologia de segurança nacional, manutenção no poder etc.), diferentemente de obras recentes sobre o golpe de 1964, que vêm na crise de início deste ano os fatores fundamentais da intervenção militar.<sup>11</sup> Igualmente positiva é a percepção do uso do terror como política de Estado. Além disso, a obra fornece um bom mapeamento dos momentos e questões de maior envolvimento dos militares brasileiros na política durante o período republicano, o que pode ajudar aos que desejam ter um primeiro e mais geral contato com esta temática. Talvez seja esse o real objetivo da obra: proporcionar ao público-leitor – especialmente o norte-americano – um grande quadro da inserção dos militares brasileiros na política.

---

<sup>11</sup> Ver, por exemplo: FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961- 1964*. São Paulo: Paz e terra, 1993; REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, e FERREIRA, Jorge. “O governo Goulart e o golpe civil militar de 1964”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 3, pp. 343-425.